

CATOLICISMO CONTEMPORÂNEO: A GUIA DE INTRODUÇÃO*

Flávio Munhoz Sofiati**, Alberto da Silva Moreira***

A secularização, as mudanças culturais conectadas com os processos de globalização e a crescente diversidade de opções religiosas têm tido um forte impacto sobre o catolicismo no mundo contemporâneo. A própria Igreja Católica, já antes do concílio Vaticano na década de 1960, têm esboçado formas diversas de reação ou de adaptação aos profundos processos de mudança trazidos pela modernidade ocidental. Todavia, apesar da crise numérica e perda da importância da instituição católica em alguns contextos, como no centro-europeu, continua havendo uma presença significativa do catolicismo na cultura global. O próprio eixo desta presença histórica do catolicismo move-se agora em direção às regiões e países tradicionalmente considerados como terras de missão católica, como a América Latina, a África e a Ásia. Não por acaso, a escolha do Papa Francisco como primeiro Papa latino-americano da história é uma clara indicação desse deslocamento. No atual momento fazem falta estudos que, para além de registrar o decréscimo do número de católicos – sem dúvida relevante e impactante – ajudem justamente a entender como a instituição Igreja Católica em particular, e o catolicismo em geral, estão reagindo ou interagindo com esses processos e em que medida continuam exercendo influência na vida mais ampla das sociedades. Em tal contexto, é necessário compreender como a Igreja Católica, com suas ordens e congregações, seus grupos e movimentos de leigos organizados têm

* Recebido em: 20.01.2018. Aprovado em: 12.02.2018.

** Doutor em Sociologia (USP). Mestre em Ciências Social (UFSCar). Graduação em Ciências Sociais (UNESP). *E-mail*: sofiati@gmail.com

*** Pós-Doutorado em Ciências da Religião (Facultat de Teologia Fundamental, Barcelona, Espanha e na Nottingham-Trent-University, Inglaterra). Pós-Doutorado em Sociologia (Università Degli Studi di Padova). Doutor em Teologia (Westfälische-Wilhelms-Universität, Münster, Alemanha). *E-mail*: alberto-moreira@uol.com.br

administrado seus recursos, enfim, que modalidades de reação têm esboçado frente a essa nova conjuntura. As ciências sociais que se dedicam ao estudo da religião não podem contentar-se em medir e comentar os dados do declínio católico, como parece sugerir Pierucci (2013) em um texto muito conhecido. Considerar a sociologia do catolicismo como sendo fundamentalmente uma sociologia do declínio numérico dos católicos significa fechar-se *a priori* num estereótipo do catolicismo, que o considera uma religião estática e arcaica, incapaz de oferecer respostas (se “certas” ou “erradas” não vem ao caso) a um movimento tido como historicamente imparável (a secularização). Em tal compreensão o catolicismo só pode ter, como destino pré-fixado, o desaparecimento, e à sociologia só cabe como tarefa (monótona) o registro das fases dessa morte programada, que se acelera a cada Censo. No entanto, os dados empíricos da observação, muitos deles analisados e comentados nos artigos que compõem esse dossiê, mostram uma realidade muito mais complexa e diferenciada. Sem ocultar o declínio numérico real de católicos e a perda de influência social da Igreja em diversos contextos, os estudos mostram que há no Brasil, ao lado de uma grande diversidade de estilos de catolicismo, também uma grande variedade de estratégias, iniciativas, invenções e adaptações sendo praticadas tanto pela instituição eclesiástica, como por parte de grupos e movimentos de leigos organizados.

Ao mesmo tempo em que se reconhece que a Igreja Católica no Brasil encontra-se numa situação bastante crítica para manter a fidelidade de seus membros, diante da crescente autonomia dos indivíduos em relação às instituições religiosas e da enorme diversidade de ofertas concorrentes, também é necessário conhecer e estudar aqueles grupos e iniciativas, como as novas comunidades de leigos vindas do carismatismo católico, que assumem funções, tarefas e espaços antes a cargo direto da instituição. No que tange à grande diversidade interna e mesmo à oposição entre correntes e grupos dentro do catolicismo brasileiro, por exemplo, entre os setores ligados à teologia da libertação e aqueles ligados ao catolicismo conservador e autoritário (TFP, Opus Dei, Catecumenato, dentre outros), deve-se também levar sociologicamente em conta que a Igreja Católica no Brasil é uma instituição com uma capacidade impressionante de controlar suas dissidências e de negociar visões opostas dentro de si mesma.

Há diversos e bons estudos sobre pentecostalismo e globalização, mas nos parece que uma das tarefas importantes em termos de campo religioso global seria justamente analisar os impactos da migração e da cultura transnacional sobre o catolicismo. Apesar de a igreja Católica e sua estratégia de expansão mundial constituírem uma parte não desprezível do próprio processo histórico de globalização, a presença de migrantes católicos, por exemplo, trouxe uma série de consequências para as igrejas locais de muitos países. Trata-se de um fenô-

meno que não atinge apenas aqueles grupos de fiéis e de igrejas protestantes e pentecostais engajadas no projeto da assim chamada “missão reversa”, mas também a Igreja Católica. Em diversos contextos a religiosidade dos migrantes traz um desafio para o catolicismo oficial local; surgem novas tensões e negociações em torno do que implica na prática o padrão católico de unidade na diversidade. Em outros lugares, grupos de militantes católicos não se identificam ou não se ligam a instituições católicas locais, mas com igrejas, grupos e estilos de catolicismo que estão distantes, em outros países ou continentes.

Um dos espaços tradicionais do catolicismo que passa por um processo de refuncionalização parece ser os grandes santuários e centros de peregrinação. Com efeito, apesar de haver diminuído muito a frequência local a missas dominicais, a visita aos grandes centros de peregrinação, como Fátima em Portugal, Santiago de Compostela na Espanha, Medjugorje na Bósnia, Jerusalém em Israel, Aparecida em São Paulo, Trindade e Muquém em Goiás, parece estar aumentando. Nesses santuários que atraem milhões de visitantes, uma espiritualidade de cunho tradicional se mescla a novas necessidades individuais de empoderamento e reposição de identidade, à procura por formas de lazer por meio do turismo religioso, ao aumento da subjetivização das experiências religiosas numa sociedade de fluxos. Outro espaço no qual tanto a instituição como os movimentos e grupos de leigos católicos têm se mostrado especialmente ativos, em paralelo a uma tendência já consolidada entre os pentecostais, são os meios de comunicação, as redes de TV e sobretudo a Internet. O que até pouco tempo eram consideradas formas inusitadas de devoção e prática religiosa através da Internet, como aconselhamento *online*, comunidades, cultos e retiros virtuais, missas, novenas e shows, compra de lembranças e mercadorias religiosas por meio do comércio eletrônico, pertence hoje ao cotidiano de milhares de fiéis. Até mesmo o que era considerado área própria de atuação da hierarquia e das ordens religiosas católicas, como o envio de missionários e a fundação de novas bases em outros países, recebeu por meio da intensa atividade missionária de movimentos leigos, como as Novas Comunidades de Vida ligadas à Renovação Carismática, uma dimensão insuspeitada. O mesmo se pode dizer da atuação das bandas católicas de rock, dos músicos leigos e dos padres cantores que buscam atingir faixas da população que não necessariamente frequentam missas e paróquias. Boa parte desses novos e velhos agentes do catolicismo estão fortemente presentes na literatura de aconselhamento e auto-ajuda, num esforço casado para atingir novos públicos e reforçar a mensagem católica através do uso de diferentes mídias.

Da parte dos católicos progressistas, assiste-se a uma reconfiguração do significado da opção preferencial pelos pobres (SOFIATI, 2013), possibilitando o diálogo com os movimentos identitários que predominam no contexto dos movimen-

tos sociais na contemporaneidade. A passagem de uma perspectiva de “empobrecido” focada na noção marxiana de classe social, predominante nos anos 1970 e 1980, é amplificada na atualidade com a absorção das lutas feministas, do movimento negro, indigenista, ecológico e, inclusive, de forma menos evidente, da luta contra a homofobia. Assim, a Teologia da Libertação tem se mantida ativa e contribuído para o diálogo da Igreja Católica com setores dos novos movimentos sociais que colaboram com atividades importantes, como o Grito dos Excluídos, organizado pelas pastorais sociais, o Dia Nacional da Juventude, organizado pelas pastorais da juventude, e a Campanha da Fraternidade, principal evento social da instituição católica no Brasil.

Todos esses processos estão moldando e transformando a Igreja Católica como instituição e paróquia, peregrinações e rede, comunidades e fiéis. A análise de Carlos R. Brandão (2013) é pertinente e oportuna para interpretar estas mudanças, ao considerar que o catolicismo é o melhor exemplo de uma tradição religiosa com um sistema de sentido pluriaberto, multicênico e em constante transformação. Além disso, o cenário religioso favorece a tendência à abertura e à diversificação do catolicismo, com o surgimento de múltiplas variações internas, principalmente interpretadas na literatura especializada como modelos (BOFF, 1994), tendências (LÖWY, 2000), faces (TEIXEIRA, 2009) ou cenários (LIBANIO, 2012).

Em pesquisa recente, de pós-doutoramento no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião na PUC Goiás, e em diálogo com outros autores, como Martins (2009), consideramos que em um contexto de concorrência acirrada no campo religioso, de emergência do individualismo, de empoderamento relativo dos leigos católicos, de livre acesso à Internet e de massificação nas comunicações, aliado a mudanças no campo da cultura global, o catolicismo tende a se tornar mais diversificado e menos controlável pela instância central. Isso vale em termos de trocas simbólicas com outras religiões, mas também a respeito de trocas e empréstimos da cultura midiática.

Tendo esse cenário como pano de fundo, o presente Dossiê pretende contribuir para a compreensão do lugar do catolicismo na sociedade contemporânea, seja no Brasil, na América Latina e no contexto global. Os artigos selecionados reforçam esse objetivo, ao lançar luz sobre diferentes aspectos da prática católica e suas táticas para se manter concorrente ativa no mercado de bens de salvação, além de procurar estabelecer contato com uma realidade permeada pela lógica da racionalidade.

O artigo de Brenda Maribel Carranza Dávila e Cecília Loreto Mariz, “Carismáticos Brasileiros na Europa: Discursos e Experiências Missionárias”, é um dos resultados mais profícuos de uma investigação sobre missão reversa, desenvolvida pelas pesquisadoras que há anos formam parceria. Seu estudo mostrou resultados significativos acerca do campo religioso intercontinental e do espa-

ço ocupado nele pelo catolicismo midiático. Fundamentado no discurso de lideranças carismáticas, o artigo evidencia as estratégias de internacionalização do modelo carismático católico a partir da missão das novas comunidades de vida no exterior. A contribuição das autoras ajuda a entender o papel do Brasil e do catolicismo brasileiro no processo de disputa em torno do campo religioso em contexto europeu; contexto esse no qual perdura a perda de importância da cultura católica em razão, entre outras coisas, do processo de secularização. O tema da secularização é o centro da análise de Jorge Botelho Moniz, no artigo intitulado “Secularização (ainda) como Racionalização? Proposta de construção de um índice de racionalização”, que procura oferecer um índice de racionalização para o entendimento do assunto, evidenciando a validade empírica da secularização no cenário europeu. O autor nos oferece dados da realidade europeia que auxiliam no entendimento do contexto no qual o catolicismo carismático procura ocupar espaço em suas estratégias de missão, pensando principalmente na formação de missionários capacitados para a evangelização do velho continente. Experiências de decepção com a indiferença ou com o preconceito dos europeus, que de resto ocorrem há mais tempo também no campo das missões evangélicas e pentecostais, tendem a ser reinterpretadas como novos desafios e retrabalhadas para dentro da estratégia missionária como confirmação da sua necessidade, mais do que como uma oportunidade para estabelecer um diálogo produtivo com a mentalidade e com a cultura europeia do ceticismo.

Justamente nesse contexto de secularização e enfraquecimento da posição ocupada pela Igreja católica na esfera pública, reverberam da Europa para o mundo as posições nada ortodoxas do Papa Francisco. Ao mesmo tempo aparecem, de forma cada vez mais agressiva e midiaticamente exposta ao público, as divergências e os ataques dos setores conservadores da Igreja Católica, alguns inclusive ainda ativos dentro no Vaticano. O artigo “Entre Acusações e Perplexidades: o anticapitalismo e o Papa Francisco”, de Allan Silva Coelho, é muito lúcido neste sentido, pois não aborda somente as polêmicas tão a gosto da grande imprensa mundial a respeito das ideias do Papa Francisco sobre questões de ética sexual e matrimonial, como pedofilia, homossexualidade, celibato, casamento entre pessoas do mesmo sexo e comunhão para pessoas recasadas, mas também e sobretudo, porque sistematiza e analisa as posições críticas do papado ao próprio sistema societário dominante (“Este sistema é insuportável: exclui, degrada, mata” – Papa Francisco na Bolívia, julho de 2015). Configura-se, portanto, um pontificado crítico às mazelas do capitalismo e às injustiças sociais que fazem parte do seu *modus operandi*.

Em contrapartida, Rodrigo Portella, no artigo intitulado “Maria: Miragens de sua presença”, oferece-nos desde uma abordagem teológica outro elemento excep-

cional para compreender as contradições presentes no catolicismo contemporâneo, muitas vezes distante das disputas internas da estrutura institucional: as aparições marianas ao longo da história. O imaginário construído em torno da figura de Maria tem uma forte e motivadora ressonância em diferentes cenários, modelos, ambientes e tendências católicas, variando enormemente quando se passa de um catolicismo mais oficial, tradicional e do altar, para um catolicismo mais popular, devocional, carismático, ou mesmo da libertação.

Observamos que parece fazer parte do *modus operandi* da instituição católica, em alguns períodos mais e em outros períodos menos, tentar abarcar em si mesma as múltiplas maneiras e estilos de catolicismo, as muitas práticas e doutrinas cristãs, e também se abrir hoje para as manifestações das outras formas de religiosidade. Marcelo Camurça, um respeitado antropólogo da religião na contemporaneidade, desenvolveu estudos acerca da relação da vertente católica carismática com a cultura religiosa da Nova Era e dos Novos Movimentos Religiosos. Em sua contribuição, Marcelo Ayres Camurça e Victor de Lima Campanha, no artigo “Catolicismo *New Age* numa Comunidade Neo-Esotérica: iInstitucionalidade “monástica” e aparição de uma virgem cósmica e energética”, reforçam esta compreensão da elasticidade católica de manter unidos os diversos, ao mostrar como uma prática tradicional do catolicismo, o culto a Maria, pode estabelecer simbiose com uma prática neo-exotérica do Brasil contemporâneo. Trata-se de (mais) um exemplo de como o catolicismo permeia o cenário religioso brasileiro moderno, para além da confessionalidade estrita, pois a devoção analisada distancia-se da guarda e do controle da instituição católica. Mais adiante retornaremos ao tema da elasticidade hermenêutica ou da transversalidade da presença católica no campo religioso brasileiro.

A segunda parte do Dossiê evidencia a diversidade de formatos na relação entre os diferentes estilos de catolicismo e a esfera pública. O artigo “Catequistas, Artistas ou Socialmente Engajados: as formas de inserção política do catolicismo carismático”, de Carlos Eduardo Pinto Procópio, que há anos desenvolve estudos sobre as posições políticas dos carismáticos, demonstra como essa vertente do catolicismo tem atuado no mundo da política partidária. Segundo Procópio, em diálogo com os trabalhos de Brenda Carranza, havia desde a década de 1970 uma expectativa de que os carismáticos seriam uma reação tanto contra as CEBS como contra os evangélicos e a consequência política disso seriam o apolitismo e o conservadorismo católico. No entanto, nos últimos anos, devido à sistemática na escolha dos seus candidatos, esse quadro estaria se modificando. Segundo o autor, o movimento carismático tem apoiado também alguns candidatos que se identificam com partidos de esquerda e que defendem interesses das classes mais pobres. Isso faz esperar que a partir do

resultado das eleições de 2018 a questão seja retomada, para conferir se tal inflexão se confirma.

Com “Devoção Católica Parodiada: liberdade religiosa e culto imanente”, Ricardo Cortez Lopes faz uma interessante incursão pela surpreendente trama simbólica e religiosa de uma série de desenhos animados japoneses de grande sucesso, especialmente junto ao público jovem e adolescente: o Dragon Ball. Analisando a devoção criada em torno do personagem fictício Goku (um herói semi-divino), especialmente uma entidade chamada *Igreja Universal do Reino de Goku* e a *Marcha para Goku*, Lopes mostra que tais figuras se estruturam como paródia de uma devoção católica. O autor remete os conflitos do campo religioso para o mundo dos *animés* e das franquias multimídia, pois afirma que a paródia é no fundo uma crítica católica ao avanço das igrejas pentecostais na esfera pública.

Por sua vez, o artigo de André Ricardo de Souza e Giulliano Placeres, “Nuanças Políticas entre a Televisão e a Assistência Social Católicas: Canção Nova e Cáritas Brasileira”, compara a ação política de duas importantes organizações católicas na esfera pública brasileira: a Canção Nova e a Cáritas. A primeira, que já assume dimensões de conglomerado midiático, está ligada ao movimento carismático; e a segunda, com grande abrangência no país, é fortemente identificada com o ideário da Teologia da Libertação. Para os autores essas duas organizações, cada uma com suas redes de interlocução e representantes na política formal, mostram a maleabilidade do catolicismo brasileiro em termos políticos e ideológicos.

No contexto da Teologia da Libertação, ou do Cristianismo da Libertação conforme prefere Löwy (2000), temos duas contribuições pertinentes e atuais: os artigos de Igor Adoldo Assaf Mendes, Joilson de Souza Toledo e do pensador mexicano Luis Martínez Andrade. Mendes e Toledo, em “‘Pai Nosso Revolucionário, parceiro dos Pobres, Deus dos Oprimidos’: aportes para uma análise sociológica da Pastoral da Juventude (PJ)”, propõem determinados conceitos e aportes para a análise sociológica da pastoral da juventude, um importante segmento da Igreja Católica, muito afinado com a teologia da libertação. Os autores tratam sobretudo do processo de educação que a pastoral da juventude emprega para formar seu membros jovens. Luis Martínez Andrade, em “O Capitalismo como Religião: a Teologia da Libertação em uma perspectiva decolonial”, demonstra por sua vez como a teologia da libertação foi um antecedente fundamental da perspectiva decolonial e como tem sido reverberada na reflexão desenvolvida pelos autores desta corrente. Andrade afirma ainda que há uma afinidade eletiva entre a teologia latino-americana e o pensamento de Walter Benjamin, e defende a importância da teologia da libertação como uma crítica *moderna* da modernidade excludente.

Na parte final do Dossiê temos dois artigos de perspectiva histórica que tratam da presença católica ao longo da segunda metade do século XX no Brasil, enfatizando dois modelos contrastantes de pensamento católico, um conservador e outro revolucionário. Em “A(s) Marcha(s) da Família, com Deus pela Liberdade (1964-2016): pensamento conservador católico e cristão no Séc. XXI”, Fabio Lanza, José Wilson Assis Neves JR e Ana Cláudia Rodrigues de Oliveira analisam a versão de 2014 da “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, inspirada em sua versão original de 1964 e articulada por setores favoráveis à uma nova intervenção militar no país. Em contrapartida, Wellington Teodoro Silva nos apresenta, no artigo “Frei Carlos Josaphat, Catolicismo e Revolução Social”, uma leitura da ação sócio-político-religiosa de Frei Carlos Josaphat, ícone do catolicismo da libertação no período militar.

Nesse ponto parece oportuno mencionar, de um ponto de vista sociológico, pelos menos três complexos temáticos que reverberam dos estudos aqui apresentados e que vão continuar a merecer a atenção dos pesquisadores do catolicismo:

- 1) a abertura sincrética do catolicismo, ao permitir a convivência de extremos, de ortodoxias conservadoras a ‘heresias’ e ‘paganismos’ dentro do mesmo sistema religioso;
- 2) a relação do catolicismo com o pentecostalismo, teoricamente seu arqui-inimigo no campo religioso;
- 3) e a questão pendente das chances históricas das correntes libertárias católicas, que advogam não apenas mudanças na Igreja, mas transformações profundas na sociedade. Gostaríamos aqui de apontar apenas alguns elementos mais salientes em cada temática.

A primeira questão de fundo, apesar de setorialmente tematizada em diversos artigos, perpassa o catolicismo (brasileiro) como um todo: sua estratégia de conciliação dos extremos, sua capacidade de abrigar ao mesmo tempo grupos e visões muito diferentes, quase opostos, de manter a tensão entre eles sem rompimentos bruscos, mantendo uma grande elasticidade hermenêutica às custas de uma unidade tênue. Esta tolerância parece compor o quadro de elementos que explicam o sucesso histórico do catolicismo na cultura e na sociedade brasileira (se não também alhures). Por outro lado, tal abertura ou estratégia de conciliação dos extremos, também pode gerar custos ou resultados às vezes indigestos para a própria instância central, como no caso dos bispos ordenados pelo ultraconservador Mons. Lefebvre e reabilitados por Bento XVI. Mas tal característica do catolicismo, sua capacidade de dar guarida a visões e instituições tão distintas, a ideários religiosos e políticos tão diversos, não estaria também se revelando como uma desvantagem relativa, neste cenário religioso vagamente descrito como pós-modernidade periférica? Com efeito, ao compor e agregar, o sistema católico também se esgarça, perde a nitidez, confunde-se com uma quantidade enorme de outros elementos,

ideias, símbolos e posições. Vira terra de ninguém, ou ‘doador universal’. Pelo lado da demanda, parece que os indivíduos, orientados por uma subjetividade sempre mais pragmática, estetizada (MOREIRA, 2015), ciosa de sua presumida autonomia, em busca constante de empoderamento e de novas emoções, preferem hoje mensagens, símbolos, experiências e ofertas religiosas mais definidas, simplificadas, diretas e, sobretudo, mais energizadas. Parece-nos que aí está um dilema antigo e novo para o catolicismo contemporâneo.

A segunda questão de fundo, que aparece em tantos textos, é a relação do catolicismo (aqui não pensamos tanto na Igreja Católica) com o pentecostalismo, presumidamente seu maior inimigo nos *rankings* do IBGE. Guardadas as proporções, pode-se afirmar, no entanto, que os principais elementos que contribuíram para multiplicar os pentecostais já foram assimilados, senão pela hierarquia, sem dúvida pelos movimentos organizados de leigos católicos, como as novas comunidades de vida: a experiência carismática, a intensa atividade missionária, o investimento sistemático nos meios de comunicação, a organização de estratégias de atuação na política formal, a presença constante na Internet. Terá sido suficiente? Que futuro se pode imaginar para essa relação?

Quanto ao terceiro complexo temático, das chances históricas do catolicismo social-crítico, vimos que também esta é uma questão que permanece em aberto. Além do aliado importante e inusitado, representado pela figura do Papa Francisco, essa vertente do catolicismo também tem conseguido manter-se presente e refazer-se em diversos meios eclesiais e sociais. Sem dúvida o contexto histórico-social, religioso e político dos anos 1960-70 na América Latina mudou muito, mas a Teologia da Libertação manteve até certo ponto a interlocução com as classes populares, influencia como vimos as pastorais sociais e da juventude e conectou-se com os novos movimentos e modalidades de luta pela autonomia, como o feminismo, a causa ambiental, os anseios étnico-sociais, a luta do segmento LGBTQ. Todavia, o movimento não apresenta um segmento específico, um grupo populacional ou segmento de classe que seja o seu portador histórico, no sentido descrito por Weber. Dependerá essa vertente do catolicismo fundamentalmente ainda da liderança de clérigos carismáticos? Conjugado com esse complexo temático, e desde um ponto de vista distanciado, poder-se-ia perguntar se Renovação Carismática e Teologia da Libertação são duas formas mutuamente incompatíveis de reação católica aos desafios da modernidade.

Nossa intenção com este Dossiê foi a de colaborar com a produção de estudos e debates que ajudem a lançar luz sobre os muitos dilemas e novas respostas articuladas pelo catolicismo contemporâneo. Em um cenário de diversificação do cristianismo e do próprio catolicismo faz-se necessário entender as confluências dos modos de ser católico. Entendemos que é preciso pensar o catolicismo de

forma abrangente, recuperando o sentido da ação católica e de sua presença institucional na sociedade hodierna.

Referências

BOFF, Leonardo. *Igreja: carisma e poder*. São Paulo: Ática, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Catolicismo. Catolicismos? In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). *Religiões em movimento: o CENSO de 2010*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013. p. 89-109.

LIBÂNIO, João B. *Cenários da Igreja num mundo plural e fragmentado*. São Paulo: Loyola, 2012.

LÖWY, Michel. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

MOREIRA, Alberto da S. A religião sob o domínio da estética. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 13, n. 37, p. 379-405, 2015.

PIERUCCI, Antônio Flávio. O crescimento da liberdade religiosa e o declínio da religião tradicional: a propósito do CENSO de 2010. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). *Religiões em movimento: o CENSO de 2010*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013. p. 49-61.

SOFIATI, Flávio M. O novo significado da ‘opção pelos pobres’ na Teologia da Libertação. *Tempo Social*, São Paulo, v. 25, n. 01, p. 215-234, 2013.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. In: TEIXEIRA Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). *Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009. p. 17-30.